



- 62 decorating the window
63 end of the year ornament
64 to be eaten like a root
65 plant that produces sweets and cachaça
66 decorating lunch
67 for kids playing in the street
68 small wood to spark a fire
69 piece of iron; grab holder
70 dry herbs that can turn into broom
71 dusting from inside the house
72 stirring up dust from dry land backyard
73 putting clothes to bleach
74 putting dirty underwear to soak
75 bathing kids
76 pot to collect water from leak
77 collecting rain
78 for washing the floor, bathroom; mopping the house
79 throwing trash away
80 fixing the fence taken away by the river
81 roasting corn on the coals in June
82 decorating the table
83 decorating the house

- 84 decorating the shelf
85 having a beer
86 corn for the chickens
87 repairing the clothes of the Dutch and the warriors
88 sitting for teaching
89 sitting down to chat
90 gossiping in the backyard
91 result of work
92 on top of the stove shelf
93 on the telephone table
94 old wheel to become something else
95 opening a coconut
96 putting kids to sleep

CENÁRIOS SOBRE O FUTURO DO TRABALHO DESENHADO PELO CAPITALISMO:

análise crítica da futurologia mainstream

VANDER CASAQUI*

DOI: <https://doi.org/10.35699/2965-6931.2024.54315>

RESUMO: Este artigo tematiza o futuro do trabalho em sua dimensão discursiva, cultural e em perspectiva crítica. Analisamos o relatório "Workforce of the future: the competing forces shaping 2030", assinado por uma das maiores consultorias empresariais do mundo, a PwC. Nossa objetivo é compreender os sentidos do trabalho e os elementos ideológicos constituintes das projeções de futuro publicizadas pelo documento. Carrico (2013) define como "futurologia mainstream" os discursos ideologicamente marcados dos relatórios, pesquisas e white papers de grandes corporações capitalistas. Compreendemos esses discursos como expressões do capitalismo de nosso tempo. A metodologia está baseada na abordagem do discurso social (Angenot) e na análise do discurso neoliberal (Guilbert). Por meio das análises, identificamos o desenho de futuro do trabalho derivado da racionalidade capitalista, do determinismo tecnológico e da visão organizacional transformada em cenário social, dissimulando as possibilidades de imaginação e construção de outros mundos possíveis.

PALAVRAS-CHAVE: futuro; trabalho; comunicação; discurso; capitalismo

**Scenarios of the future of work designed by capitalism:
critical analysis of mainstream futurology**

ABSTRACT: This article discusses the future of work from a discursive, cultural and critical perspective. We analyze the report "Workforce of the future: the competing forces shaping 2030", signed by one of the world's largest business consultancies, PwC. Our aim is to understand the meanings of work and the ideological elements that make up the projections of the future published in the document. Carrico (2013) defines "mainstream futurology" as the ideologically marked discourses of the reports, research and white papers of large capitalist corporations. We understand these discourses as expressions of the capitalism of our time. The methodology is based on the social discourse approach (Angenot) and neoliberal discourse analysis (Guilbert). Through the analyses, we identified the design of the future of work derived from capitalist rationality, technological determinism and the organizational vision transformed into a social scenario, concealing the possibilities of imagination and the construction of other possible worlds.

KEYWORDS: future; work; communication; discourse; capitalism

* Universidade Paulista

Introdução

O futuro, como fato cultural no contexto capitalista, que é nosso tema de pesquisa, vai representar uma ideia de “cancelamento” de outros futuros possíveis. Quando agentes do capitalismo se dedicam a difundir cenários futuros, em relatórios, pesquisas, white papers sobre o futuro do trabalho, estão, de certa forma, desenhando contextos que representam a continuidade histórica do sistema, colonizando esse futuro narrativizado com suas projeções e prescrições. O relatório estudado neste artigo é assinado por uma das principais consultorias empresariais do mundo, a PwC, o que implica um potencial impacto de replicabilidade de suas ideias, tanto em políticas corporativas de clientes da consultoria como em diretrizes incorporadas por outros agentes e interessados no tema – dado o caráter público, de acesso aberto, do documento. O desenho do futuro do trabalho pela PwC é um exercício retórico e prescritivo, uma prática de governamentalidade (Foucault, 2008) que se vale de estratégias de legitimação para ser considerado como documento científico, baseado em evidências. Na perspectiva proposta pelo dossiê, este artigo discute tanto a circulação de sentidos sobre o trabalho quanto a questão da temporalidade, uma vez que o futuro é mobilizado pelos discursos como lugar de reconfigurações e transformações.

Carrico (2013) vai definir como futurologia mainstream os discursos presentes nesses documentos; em nossa pesquisa, partimos do pressuposto de que essa é uma abordagem importante para compreender, no âmbito das relações entre comunicação e trabalho, como se estabelece a dimensão retórica do capitalismo, constituinte de seu “novo espírito” (Boltanski; Chiapello, 2009). Consideramos que esse estudo é a realização de uma abordagem histórica do mundo atual, na forma como o imaginário de futuro é configurado, disseminado e disputado. Sendo assim,

o objeto fundamental de uma história que se propõe reconhecer a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e a seus enunciados se situa, portanto, na tensão entre, por um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, por outro, as restrições e as convenções que limitam – de maneira mais ou menos clara conforme a posição que ocupam nas relações de dominação – o que lhes é possível pensar, dizer e fazer (Chartier, 2010, p. 49).

A emergência da economia neoliberal como doutrina planetária, nos anos 1980, estabelece uma nova configuração social, que ultrapassa os modos de produção

capitalista e busca alcançar corações e mentes. A “nova razão do mundo” (Dardot; Laval, 2016) se torna determinante para os movimentos posteriores de reestruturação do sistema e da produção de novas subjetividades.

Nesse processo, o fator tecnológico é elemento-chave. A informatização a partir dos anos 1970; o advento das mídias digitais, consolidado no decorrer das primeiras décadas do século XXI, com a emergência das chamadas Big Techs (Morozov, 2018); e a automatização de atividades, com a consequente eliminação de postos laborais, são faces de um acirramento da determinação tecnológica que atinge o mundo do trabalho, as práticas de consumo, e que vão afetar decisivamente a vida cotidiana.

Voltemos às questões colocadas por Chartier (2010) na citação acima. Diante do horizonte estabelecido a partir dos aparatos tecnológicos que reorganizam o capitalismo na contemporaneidade, a tensão entre as “capacidades inventivas” - ou o imaginário de outros futuros possíveis imaginados por indivíduos e comunidades –, e as “restrições” que sobredeterminam o que é possível “pensar, dizer e fazer”, é organizadora do que se narra sobre o futuro. Ou seja, o futuro narrado pelos agentes do capitalismo é profundamente ideológico, pois assume um papel estratégico no desenho do sistema projetado para os próximos anos.

Mark Fisher, em sua obra intitulada Realismo capitalista (2020), traz no subtítulo uma provocação em formato de questão: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? A tese defendida pelo autor expressa a ideia de que se estabeleceu, em nosso tempo, o imaginário de que não há alternativas ao sistema capitalista. Nas palavras de Fisher,

O realismo capitalista, resumindo brevemente, pode ser visto tanto como uma crença quanto como uma atitude. É a crença de que o capitalismo é o único sistema econômico viável, uma simples reafirmação da antiga máxima thatcherista: “não há alternativa”. Não se trata necessariamente da ideia de que o capitalismo é um sistema particularmente bom, mas sim de persuadir as pessoas a acreditarem que é o único sistema viável e que a construção de uma alternativa é impossível (Fisher, 2020, p. 152).

A análise de Fisher tem implicações diretas em relação ao imaginário de futuro e a sua relação com o sistema capitalista. Há uma colonização do futuro que se constitui a partir do pressuposto básico dos discursos que analisamos em nossa pesquisa: constituídos como códigos hegemônicos, os discursos sociais (Angenot, 2010) corres-

pondentes à ideologia do Vale do Silício e à cultura empreendedora, a naturalização da precarização do trabalho derivado da economia de plataforma, e a normalização do processo de acirramento da automatização dos modos de produção capitalistas promovem um cenário social a partir do qual as mentalidades econômicas (Polanyi, 2012), associadas à sociedade neoliberal, imaginam o que será o futuro. O fator persuasivo apontado por Fisher guarda relação com a dimensão retórica do espírito do capitalismo, como discutem Boltanski e Chiapello (2009), uma vez que acreditar que o sistema é o único “viável e que a construção de uma alternativa é impossível” pressupõe a produção de um engajamento, de uma adesão quase voluntária derivada de um processo comunicacional complexo.

Sem que tenhamos como medir o seu impacto de maneira precisa, é perceptível a influência dos discursos sociais que afirmam positivamente elementos, categorias e conceitos extraídos da práxis econômica contemporânea, em certa medida, podendo ser identificada pelo seu espraiamento, por sua recorrência a partir de um sem-número de agentes que assumem a palavra e são identificados como “lideranças inspiradoras”, como coaches, futuristas, influenciadores digitais, empreendedores de palco, entre tantas definições que caracterizam o mercado de ideias (Angenot, 2010) em torno dos princípios, ideologia e imaginário capitalistas de nosso tempo. A noção de cultura da inspiração (Casaqui, 2017) é derivada da observação dessas práticas discursivas tributárias do novo espírito do capitalismo, em sua formatação como autoajuda empreendedora, como discurso positivo que afirma, de modo totalizante, o status quo e legitima a maneira como o sistema econômico transborda para a vida como um todo.

A partir dessas questões, definimos como perspectiva metodológica deste estudo a abordagem do discurso social de Angenot (2010), que oferece elementos para a análise da retórica que corresponde à hegemonia capitalista de nosso tempo, ou o horizonte de ideias, valores, padrões reconhecidos e legitimados que norteiam o que é pensável e dizível em dado contexto social. Para a nossa pesquisa, o discurso social predominante é associado à ideologia correspondente à cultura empresarial do Vale do Silício, em que o empreendedorismo, a indústria cultural, uma nova gama de serviços e aparatos técnicos como mercadorias, acoplados à informatização acentuada dos processos do sistema vão caracterizar um capitalismo essencialmente comunicacional, como discute Prado (2013).

Destacamos, no universo das consultorias empresariais, as quatro maiores empresas globais, que são denominadas “Big Four”: Deloitte, Ernst & Young (EY), PricewaterhouseCoopers (PwC) e KPMG. Entre as produções sobre o futuro do trabalho assinadas por essas consultorias, selecionamos para análise o relatório “Workforce of the future: the competing forces shaping 2030”, assinado pela PwC, por conta de algumas peculiaridades que o tornam relevante:

- a) O relatório representa, como dito acima, a visão de uma das quatro maiores consultorias empresariais globais, o que amplifica o alcance e a influência de suas projeções. Diferentemente de outros relatórios anuais, este é um documento mais perene, publicado em 2018 mas que segue como uma das diretrizes para as ações e serviços prestados pela empresa, estando disponível atualmente para navegação no site da consultoria (PwC, 2018);
- b) Trata-se de um relatório que elabora um prognóstico de médio prazo: o “desenho do futuro” promovido pela PwC remete ao ano de 2030, ou seja, são propostas válidas pelos 10 anos seguintes à sua publicação. Esse prazo é significativo, por exemplo, em comparação com relatórios do World Economic Forum, como a série “Future of jobs reports”, que projetam cenários para cinco anos;
- c) Outra característica própria do relatório é o desenho de cenários, ou “mundos possíveis”, por meio dos quais se definem não somente as competências profissionais dos trabalhadores do futuro, mas também as políticas e ambientes corporativos.
- d) A retórica do relatório, como discutiremos a seguir, aponta para projeções que envolvem organizações (privadas e públicas), indivíduos e sociedade; nesse sentido, mais do que visões prospectivas para novos negócios, encontramos no relatório da PwC um projeto de sociedade, que guarda relação com a noção de capitalismo como projeto proposta por Moore (2020).

O futuro do trabalho em relatórios corporativos

Quando tratamos de competências profissionais na atualidade, esbarramos na noção controversa de soft skills, ou competências morais e comportamentais associadas à prática laboral. Em trabalho anterior (Casaqui, 2023), identificamos um movimento de agentes do capitalismo em rever competências laborais em função de uma

¹ No original: “el futuro no es un espacio en blanco para la inscripción de la ilustración tecnocrática o las oscilaciones de largo plazo de la naturaleza, sino un espacio para el diseño democrático que debe comenzar con el reconocimiento de que el futuro es un hecho cultural”.

² Disponível em: <<https://home.manpowergroup.com.br/pt-br/ebook-futuro-do-trabalho-20-tendencias>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

constatação decorrente da pandemia da Covid-19: a incapacidade do sistema de prever o futuro com precisão, uma vez que a inesperada crise sanitária desestabilizou a economia global sem que houvesse uma identificação prévia desse risco incorporada ao planejamento capitalista. A consequência dessa constatação é a transferência, para o trabalhador, da prescrição de competências sintetizadas pela noção de “antecipação de futuros”.

Appadurai (2015) fundamenta a discussão sobre o futuro como fato cultural, por meio de uma visão antropológica, que abre perspectivas para o exercício da crítica e a consequente desnaturalização dessa noção, tão cara ao mercado capitalista atual. Uma evidência dessa importância é o surgimento de personagens que atuam no ramo do aconselhamento, também denominado coaching, que trabalham com conceitos imprecisos e utilitários como “futuros desejáveis” e “futuros pessoais”, que correspondem a estratégias para planejamento de ações empreendedoras, de novos negócios, entre outros atos mercadológicos. Essa associação entre planejamento estratégico e futuro revela o objetivo de desenhar, enquadrar, delimitar o futuro mais favorável para um agente específico. Obviamente, estamos tratando de uma ética individualista, relativa a sujeitos capitalistas e corporações, que contrasta com o futuro como algo a ser imaginado, debatido e construído coletivamente, no presente cotidiano, com vistas a um mundo melhor para todos, para a maioria, no compartilhamento de interesses e objetivos comuns. A teoria de Appadurai (2015, p. 251) vai diferenciar essas duas faces do futuro a partir das noções de “ética da possibilidade” e a “ética da probabilidade”; segundo o autor, enquanto a ética da probabilidade corresponde à visão do futuro sob a ótica capitalista, baseada no planejamento, no cálculo, na contabilização e no diagnóstico, decorrentes das operações do sistema, a ética da possibilidade se refere à imaginação coletiva em busca de um outro futuro possível, associado ao “campo da cidadania informada, criativa e crítica” (Appadurai, 2015, p. 251). Sendo assim, “O futuro não é um espaço em branco para a inscrição do esclarecimento tecnocrático ou das oscilações da natureza a longo prazo, mas um espaço para o projeto democrático que deve começar com o reconhecimento de que o futuro é um fato cultural” (Appadurai, 2015, p. 254, tradução nossa).¹

Na conclusão do relatório “Futuro do trabalho: 20 tendências para você e sua empresa navegarem”² (2023), assinado pela ManpowerGroup – uma assessoria global de recursos humanos que possui uma filial brasileira – e O Futuro das Coisas, uma

empresa de consultoria e treinamento que desdobra sua atuação em produção de conteúdos, aprendizagem, estudos de mercado e tendências e “team building”, reencontramos a constatação do futuro como construção social em seu deslocamento promovido pelo mercado futurista: “(...) o futuro é uma construção. O futuro só é conhecido, de fato, quando se torna presente. Então, talvez, ao invés de [sic] nos perguntarmos qual futuro queremos, podemos nos questionar em qual presente queremos estar, viver e trabalhar nos próximos anos” (p. 94).

Nesse ponto, é importante alertar para o pressuposto do trecho citado: o futuro pode ser empreendido, projetado, planejado, aos moldes do ideário do capitalismo como projeto discutido por Jason Moore (2020). A atuação da empresa O Futuro das Coisas não deixa dúvidas sobre essa possibilidade, que se revela em seu manifesto, intitulado “Novas lentes para enxergar o invisível”³, reproduzido abaixo em alguns de seus trechos:

[...]

Não estamos presos no presente.

Nem somos vítimas impotentes do amanhã.

Estamos aqui para povoar o futuro. Apoderar-nos dele.

[...]

Ajustando a lente para observar o futuro, questionamos os mitos que trazemos do passado e reestruturamos continuamente a nossa perspectiva sobre o mundo.

Sabemos o quanto frágil é o status quo e como o amanhã pode ser maleável.

Ajustando ainda mais essa lente, podemos imaginar com ousadia novas possibilidades. Podemos imaginar novas narrativas para o futuro e ampliar a gama dos futuros prováveis e desejáveis que queremos para a nossa vida.

[...]

Porque a narrativa do futuro deve ser escrita por todos. A partir de agora.

Vamos escrevê-la juntos?

³ Disponível em: <<https://ofuturodascoisas.com/manifesto/>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

O manifesto acima, que parece ecoar uma narrativa faustiana, do personagem alegórico da Modernidade celebrizado pela obra de Goethe (1749-1832), expressa tanto o imaginário do homem como ser dominante da Natureza, capaz de projetar mundos possíveis adequados à sua existência e suas perspectivas futuras, quanto assume a noção de flexibilidade (aludida pelo termo “maleável”), já incorporada tanto nos discursos sobre o capitalismo de nosso tempo quanto na designação de comportamentos, ou habilidades (*skills*) esperados dos agentes desse sistema, trabalhadores, gestores, empreendedores em sentido amplo. Segundo Sennett (2007, p. 53),

A palavra “flexibilidade” entrou na língua inglesa no século quinze. Seu sentido derivou originalmente da simples observação de que, embora a árvore se dobrasse ao vento, seus galhos sempre voltavam à posição normal. “Flexibilidade” designa essa capacidade de ceder e recuperar-se da árvore, o teste e restauração de sua forma. Em termos ideais, o comportamento humano flexível deve ter a mesma força tênsil: ser adaptável a circunstâncias variáveis, mas não quebrado por elas. A sociedade hoje busca meios de destruir os males da rotina com a criação de instituições mais flexíveis. As práticas de flexibilidade, porém, concentram-se mais nas forças que dobram as pessoas.

Sennett, em sua retomada da gênese de termos centrais associados ao capitalismo contemporâneo, explica como o comportamento humano associado a certa noção de flexibilidade passa a ser um ideal de nosso tempo, quando tratamos do contexto produtivo-laboral e seus desdobramentos na trama da vida. Para este estudo, buscamos compreender como a flexibilidade, que é um requisito atribuído tanto a organizações quanto a trabalhadores no contexto concorrencial do mercado, se expande como possibilidade de gerenciamento do amanhã.

A natureza concorrencial do capitalismo faz com que o futuro também seja objeto de disputa. Nesse espectro, as consultorias empresariais são tidas como parceiras para projetar as corporações em cenários futuros, baseando-se na racionalidade dos números, em análises probabilísticas, relatórios sobre dados e índices. As consultorias também servem como selos de qualidade para a atuação corporativa, uma vez que seus serviços, auditorias, avaliações “independentes” são respostas ao mercado sobre a confiabilidade dos relatórios apresentados pelos seus dirigentes aos atuais e futuros investidores. Em síntese, a mercadoria principal oferecida por esse setor de serviços é a confiança.

Esse contexto das corporações e suas assessorias formam um cenário enun-

ciativo contemporâneo, do qual se originam relatórios de pesquisas, white papers, documentos que representam a “futurologia mainstream” discutida por Carrico (2013). Observamos, com especial atenção, os materiais corporativos que tratam do futuro do trabalho, assinados por agentes globais do mercado, e que tem por característica serem relatórios abertos, publicizados nas redes sociais – sem restrições à sua circulação, para além do acesso aos meios digitais. Nesse sentido, os enunciados produzidos sobre o futuro do trabalho – e, consequentemente, o futuro das empresas e do capitalismo em si – estabelecem como interlocutores potenciais uma audiência ampla, indefinida, que pode não ter nenhuma relação com cargos decisórios do mundo corporativo ou com investimentos em bolsas de valores – onde se supõe que essas informações gerenciais tenham maior apelo, utilidade e sentido.

Análise discursiva do relatório “workforce of the future”

A história do pequeno grupo de grandes corporações de auditoria e consultoria empresariais, conhecido como Big Four, é uma história de fusões, crises, estratégias de expansão de negócios que acompanha a trajetória dos grandes players do capitalismo global. É composto por empresas com mais de 100 anos de existência, que foram ampliando suas operações, estabelecendo acordos com empresas locais, incorporando concorrentes e modificando suas razões sociais. Durante o século XX, esse grupo seleto era composto por um bloco de oito empresas, originadas nos EUA e na Inglaterra, que foi sendo reduzido com os anos até se consolidar nos Big Four – o modo como esse grupo é denominado pelo mercado.⁴

A PricewaterhouseCoopers, hoje conhecida pela sigla PwC, é resultado da fusão, em 1998, da Price Waterhouse (empresa estabelecida no Brasil desde 1915) e a Coopers & Lybrand. O site da filial brasileira da PwC resume dessa forma a dimensão e a atuação da empresa:

Como parte de um network de firmas presente em 151 territórios e formado por mais de 360 mil profissionais, ajudamos organizações e indivíduos oferecendo qualidade na prestação de serviços integrados nas áreas de auditoria e asseguração, consultoria tributária, consultoria estratégica e assessoria em transações.⁵

⁴ Fonte: <https://www.empiricus.com.br/explica/big-four/>. Acesso em: 24 ago. 2024.

⁵ Fonte: <https://www.pwc.com.br/pt/quem-somos.html>. Destaques do original. Acesso em: 24 ago. 2024.

Nosso foco é apoiar as organizações em duas necessidades interligadas que ganham força em um mundo em transformação. A primeira é construir confiança – algo que nunca foi tão importante em um contexto de incertezas, mudanças constantes e expectativa de que as empresas respondam por seu impacto na sociedade. A segunda é entregar resultados sustentáveis em um ambiente no qual a competição, a disruptão e a necessidade de inovar e se transformar são crescentes.

O trecho da autoapresentação da PwC citado acima merece alguns destaques. O primeiro é a presença da nova linguagem do capitalismo (Leary, 2018), identificada em termos como network, impacto, resultados sustentáveis, disruptão, que remetem ao “novo espírito” do sistema (Boltanski; Chiapello, 2009), em que o empreendedorismo ultrapassa a esfera dos negócios e se transforma em um modelo ideal de sociedade (Dardot; Laval, 2016). Essa terminologia é facilmente reconhecível em discursos articulados à cultura empreendedora de nosso tempo, descrevendo ações e mentalidades desejáveis na busca do alto desempenho, da competitividade, da inovação instrumental, da gestão eficaz das empresas e do eu como empresa.

O segundo é o que está implícito na atuação da consultoria: o cenário instável, movediço, competitivo, de (auto)destruição criativa da economia neoliberal, em trechos como “mundo em transformação”, “contexto de incertezas, mudanças constantes” e “ambiente no qual a competição, a disruptão e a necessidade de inovar e se transformar são crescentes”. Esses elementos compõem o cenário do capitalismo flexível discutido por Sennett (2007), e representam as evidências da presença do discurso neoliberal (Guilbert, 2020) na configuração do cenário em que seus clientes atuam, que é o capitalismo da atualidade.

O terceiro ponto é derivado dos dois anteriores: adequando-se à nova gramática do capitalismo, e oferecendo serviços que auxiliam empresas em um contexto de transformações e crises constantes (que, afinal, é a tradução da história do capitalismo desde sua gênese), a consultoria PwC se apresenta como especialista em futuros, que é o jargão atual que ressignifica projetos, estratégias, diagnósticos e visões prospectivas para os negócios. Esse é o contexto que atribui sentido ao relatório “Workforce of the future”, publicado em 2019, mas resultante de pesquisas originadas 10 anos antes ao menos. Quando pensamos no tipo de assessoria oferecida pela PwC e suas concorrentes, facilmente reconhecemos a ética das probabilidades definida por Appadurai (2015): auditorias contábeis, estratégias corporativas, apoio em transações comerciais e

operações fiscais. Os futuros, projeções, cenários construídos como resultados desses serviços são necessariamente derivados de uma racionalidade capitalista – o que não exime essa atuação de falhas, quebras de confiança, falências ocasionais, como aponta matéria publicada no site da Empiricus, empresa especializada em assessoria de investimentos:

Em 2019, o Public Company Accounting Oversight Board, conselho que supervisiona a contabilidade das empresas negociadas em Bolsa de Valores, (...) fez uma análise com resultados bastante negativos: o Big Four errou quase um terço (31%) de suas auditorias desde 2009.⁶

Mesmo sujeito a falhas recorrentes, há uma dimensão afetiva e mítica na relação das operações empresariais com a imagem corporativa, que é sustentada pela ideia de confiança – a mercadoria principal ofertada pelas consultorias. Como sintetiza a frase que apresenta um dos pilares da “nova equação” da atuação da PwC, o da transformação: “Conquiste o presente. Molde o futuro. Mantenha-se à frente”⁷.

No entanto, o relatório apresenta um discurso que vai além da dimensão contábil e das operações fiscais e financeiras das corporações capitalistas. A base do documento é a apresentação de quatro “mundos possíveis” do trabalho no futuro, ou “The Four Worlds of Work in 2030”. Lazzarato (2006) analisa o capitalismo contemporâneo por meio de sua dimensão comunicacional, entendendo que a empresa multinacional, em sua atividade produtiva, cria um mundo, resultante de suas funções: “atividades de pesquisa e desenvolvimento, de marketing, de concepção, de comunicação, ou seja, todas as forças e agenciamentos (ou máquinas) de expressão” (Lazzarato, 2006, p. 99). O autor considera que a produção de mundos possíveis é algo incorporado pelos indivíduos em seus corpos e almas, sendo indissociáveis tanto das pessoas quanto das mercadorias desenvolvidas pelas corporações. Dessa forma, “a empresa que produz uma mercadoria ou um serviço cria um mundo. Nessa lógica, o serviço ou o produto – da mesma maneira que o consumidor e o produtor – devem corresponder a esse mundo” (Lazzarato, 2006, p. 99).

A lógica de “moldar o futuro”, como é mencionada no site da PwC, é uma dessas expressões recorrentes na nova linguagem do capital, ou uma evidência do discurso neoliberal (Guilbert, 2020). A produção de mundos possíveis, correspondente ao desenho de futuros, é algo bastante evidente no relatório sobre o futuro do trabalho

⁶ Fonte: <<https://www.empiricus.com.br/explica/big-four/>>. Publicada em 26 set. 2023. Acesso em: 28 ago. 2024.

⁷ Disponível em: <<https://www.pwc.com.br/pt/at-nova-equacao.html>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

em 2030 selecionado para este artigo. O título do estudo, “Workforce of the future: the competing forces shaping 2030” (“Força de trabalho do futuro: as forças concorrentes que moldam 2030”, tradução nossa), já identifica um deslocamento da potência do trabalho, que, na perspectiva marxista, representa a capacidade do homem de transformar a natureza em seu benefício, para a instrumentalização do trabalho como mercadoria, no contexto do sistema produtivo da economia capitalista. Essa força de trabalho, no entanto, estaria voltada à moldagem, ao desenho de um futuro. Mas que futuro seria esse? É essa a questão que pretendemos responder por meio da observação e análise dos mundos construídos e publicizados pelo relatório da PwC.

⁸ No original: “The future of work asks us to consider the biggest questions of our age. What influence will the continuing march of technology, automation and artificial intelligence (AI) have on where we work and how we work? Will we need to work at all? What is our place in an automated world?”.

⁹ No original: “This is less about technological innovation and more about the manner in which humans decide to use that technology. The shape that the workforce of the future takes will be the result of complex, changing and competing forces.”

Quatro mundos do trabalho no futuro da pwc

Na apresentação do relatório Workforce of the future, estão os questionamentos centrais que mobilizam sua retórica:

O futuro do trabalho pede-nos que consideremos as maiores questões da nossa época. Que influência terá a marcha contínua da tecnologia, da automação e da inteligência artificial (IA) sobre onde e como trabalhamos? Precisaremos trabalhar? Qual é o nosso lugar em um mundo automatizado? (PwC, 2018, tradução nossa)⁸

O trecho acima evidencia que as questões fundamentais de nosso tempo com vistas ao futuro, no discurso da PwC, são originárias de uma visão determinista em torno das tecnologias: as questões filosóficas da existência, no cenário do capitalismo, são restritas ao impacto das tecnologias no mundo do trabalho, e se o ser humano terá espaço nesse mundo governado e organizado pelas lógicas do sistema. A apresentação do relatório, na continuidade do trecho citado acima, busca problematizar e relativizar essa visão, quando afirma que há uma realidade complexa em torno do tema, que “tem menos a ver com inovação tecnológica e mais com a forma como os humanos decidem utilizar essa tecnologia. A forma que a força de trabalho do futuro assumirá será o resultado de forças complexas, mutáveis e concorrentes” (tradução nossa).⁹

As linhas de força “complexas, mutáveis e concorrentes” mencionadas são tra-

duzidas, por um modelo supostamente dialético, organizado na relação de oposição entre dois eixos: um primeiro eixo horizontal apresenta a tensão entre coletivismo x individualismo – sendo a ética coletiva associada ao bem comum, aos interesses e responsabilidades coletivas, que se sobrepõem a preferências e escolhas individuais. No outro extremo, a ética individualista, articulada à imagem do consumidor e suas escolhas infinitas, e as regras próprias estando acima do que é comum e partilhado por todos.

O segundo eixo, posicionado verticalmente, relaciona os termos fragmentação x integração; esses termos são ancorados a uma questão essencialmente mercadológica, ou seja: a fragmentação representando os pequenos negócios, grupos de afinidade de consumidores engajados, movimentos sociais, que tensionariam o polo oposto, da integração corporativa associando a empresas globais que ampliam seu alcance e superam a influência de algumas nações, determinando regras que atendam aos interesses de seus negócios em detrimento do bem comum. Esse polo coloca os grandes players globais, seus monopólios de mercado, fusões e marcas poderosas colocando em xeque os interesses públicos – em curiosa relação com a histórica noção de homo economicus e sua autonomia em confronto com as prioridades e políticas sociais das nações, conforme discute Foucault em sua obra Nascimento da biopolítica (2008).

O mapa composto pelos dois eixos descritos e seus polos é o espaço gráfico onde são inseridos os “quatro mundos do trabalho em 2030”. Observemos os quatro “mundos possíveis” desenhados pelo relatório, considerando-os como eixos semânticos que agregam os elementos componentes do futuro, sob a ótica do mundo corporativo. Cada um deles é identificado por uma cor: as três cores primárias (amarelo, azul e vermelho), e uma cor secundária (verde). A sequência das análises que desenvolvemos segue a apresentação dos mundos no relatório; essa ordenação também é produtora de significados, uma vez que há uma sequência lógica que parte de mundos mais reconhecíveis do capitalismo atual, para cenários em que se esboça certa “utopia pragmática” - ou uma leitura positiva, idealizada do que é a transformação social por meio de mundos possíveis desenhados por meio do próprio sistema econômico.

O primeiro a ser analisado é “The Red World”, o Mundo Vermelho, em que a inovação “governa”, ou “dita as regras”: este mundo, situado entre os pólos da fragmentação e do individualismo, conota negativamente aquilo que corresponde a um

dos principais discursos sociais (Angenot, 2010) de nosso tempo: o discurso neoliberal, que, por sua vez, está imerso na cultura empreendedora e na ideologia do Vale do Silício, berço das chamadas Big Techs (Morozov, 2018), as megaempresas tecnológicas que regem a economia global do capitalismo atual:

Organizações e indivíduos competem para oferecer aos consumidores o que eles desejam. A inovação ultrapassa a regulamentação. As plataformas digitais proporcionam alcance e influência extraordinários àqueles com uma ideia vencedora. Especialistas e lucros de nicho florescem¹⁰ (PwC, 2018, tradução nossa)

A definição do Mundo Vermelho é o resumo da essência do capitalismo de mercado, sua lógica concorrencial, sua centralidade no consumidor e sua mitologia em relação ao empreendedorismo, à liberdade para inovar, às opções de escolhas “infinitas” dos consumidores. Soa no mínimo paradoxal que uma consultoria global, que atende grandes corporações, desenvolve diretrizes e estratégias para manter a competitividade das organizações, apresentar um cenário negativo do próprio capitalismo que, em certo grau, colaborou para construir. A cor vermelha, nesse contexto, tem a conotação de alerta, de risco, de atenção máxima com vistas ao futuro projetado para 2030.

O segundo “mundo” que discutimos é “The Blue World”, o mundo azul em que “a corporação reina” (“corporate is king”). Neste universo, as grandes empresas crescem sem limites, continuamente, e as escolhas individuais (dos consumidores e empresas) se impõem sobre a responsabilidade social e à ética do bem comum. Identificamos que esse mundo, entre os polos do individualismo e da integração, também é significado como ameaça para o futuro projetado. Basicamente, os dois mundos analisados até aqui, o Vermelho e o Azul, são representações fiéis do que é o capitalismo neoliberal em sua essência: liberdade de mercado e de concorrência; prioridade para o consumo como alegoria de uma sociedade individualizada; racionalidade econômica e poder hegemônico das corporações como ameaças a políticas sociais, às soberanias nacionais e, em última instância, à espécie humana.

O terceiro mundo projetado pela PwC, “The Green World”, é definido como o lugar imaginado onde “a responsabilidade social e a confiança dominam a agenda empresarial, tornando-se as preocupações com as alterações demográficas, o clima e a sustentabilidade os principais impulsionadores dos negócios” (PwC, 2018, tradução

¹⁰ No original: “Organisations and individuals race to give consumers what they want. Innovation outpaces regulation. Digital platforms give outsized reach and influence to those with a winning idea. Specialists and niche profitmakers flourish”.

nossa). Em suposto contraste com os dois mundos anteriores, por se situar em campo oposto, o Mundo Verde, na intersecção dos pólos da integração (grandes corporações e seus interesses próprios) e do coletivismo, revela-se, por meio de sua definição, como uma pauta da agenda do mercado, e não como prioridade em um mundo em desequilíbrio ambiental e risco crescente (Beck, 2011).

As políticas de sustentabilidade são a negociação possível de um sistema econômico que não pode deixar de crescer e gerar lucros; os interesses privados do homo economicus (Foucault, 2008), nesse cenário, incorporam pautas do bem comum e problemas sociais para gerar, manter ou acelerar seus negócios. O que fica implícito nesse discurso é que as questões sociais podem ser consideradas pelo sistema, desde que sejam passíveis de exploração pela instância social do mercado. Esse talvez seja o mundo possível do capitalismo do futuro, a concessão permitida para uma economia que possui limites em relação às questões mais amplas e urgentes do bem comum. A relação desse mundo com a cor verde é das mais óbvias entre os quatro mundos desenhados pelo relatório, uma vez que a “economia verde” é uma noção utilizada pelo mercado para identificar negócios que buscam se situar entre os interesses privados e públicos para obter lucros, no que se refere às questões do meio ambiente.

O quarto e último mundo é “The Yellow World”, o Mundo Amarelo, no qual “os humanos vêm em primeiro lugar” (“humans come first”):

Os negócios sociais e comunitários prosperam. O capital financiado por crowdfunding flui para marcas éticas e inocentes. Há uma busca por significado e relevância com um coração social. Artesãos, makers e “novas Guildas de Trabalhadores” prosperam. A humanidade é altamente valorizada. (PwC, 2018, tradução nossa).

O Mundo Amarelo é aquele em que se esboça mais claramente uma dimensão (pseudo) utópica do futuro; um mundo em que o cooperativismo, o trabalho com significado, o Terceiro Setor, os negócios e o empreendedorismo social são protagonistas. A “cultura maker” também é mencionada, o que mobiliza significados da conjunção entre as esferas da produção e do consumo, sob a ótica do lema “faça você mesmo”, ou DIY – “do it yourself”. No entanto, essa dimensão é pouco problematizada, uma vez que esses elementos estão bastante presentes na cena atual; a mudança proposta é a “valorização da humanidade”, o que tem duas vertentes de compreensão: a) o trabalho com um espírito “artesanal”, a lógica do DIY, a atividade

laboral com propósito e valores sociais representam, no discurso, uma preocupação com aspectos humanos, em suposta oposição ao determinismo tecnológico, ao trabalho repetitivo e à alta performance. No entanto, b) a expressão “a humanidade é altamente valorizada” nesse futuro imaginado, implicitamente, no reverso do discurso, remete à reputação e à imagem corporativa e à forma como o espectro humanitário atravessa a comunicação, em atitude responsiva às demandas sociais por compromissos das organizações, mesmo que mí nimos, com a sociedade. Em termos práticos, há uma associação entre causas a serem assumidas pelas empresas e a produtividade mercadológica dessas bandeiras para sua reputação. Isso já se faz notar em políticas e estratégias comunicacionais que buscam inserir os sujeitos, produtores e consumidores, como protagonistas e em noções controversas como publicidade de causa, que evidenciam esse processo do capital de mercantilizar até os problemas sociais.

Nesse aspecto, é importante lembrar das reflexões de Lazzarato (2006): a “revolução” do capitalismo contemporâneo é da esfera comunicacional, uma vez que as empresas, ao desenvolverem mercadorias, serviços e suas estratégias de marketing, tornam-se produtoras de mundos possíveis onde habitam trabalhadores, consumidores e mercadorias. O elo constituinte dessa relação é sustentado pela comunicação, como processo que sedimenta os valores e a cultura do capitalismo na trama da vida (Moore, 2020).

Considerações finais

Em nossa investigação analisamos, em abordagem crítica e social, os discursos sobre o futuro do trabalho. A relevância desse estudo é baseada na problematização de cenários naturalizados e replicados nas redes sociais, utilizados no mundo corporativo e também em cursos universitários, destacando o caráter ideológico do desenho de futuro que é derivado das lógicas e do imaginário capitalista. Quando observamos os relatórios assinados por empresas, entidades e consultorias globais, identificamos a estratégia de apropriação de elementos do discurso científico para produzir pseudociência, com o objetivo de reiterar os códigos hegemônicos e o imaginário comprometido com o neoliberalismo de nosso tempo. Visto em perspectiva

cultural, o futuro não é único, pois possui uma ética e uma ideologia; os cenários projetados pelo capitalismo não se abrem a possibilidades alternativas ao próprio sistema, tampouco se baseiam em uma construção comunitária e democrática.

O relatório sobre a “força de trabalho” do futuro em 2030 apresenta como seus principais achados os cenários dos “quatro mundos do trabalho”, ou seja, dedica-se mais a elaborar contextos corporativos do que apontar efetivamente um futuro para a atividade laboral baseando-se em dados. A escolha dos termos para intitular o material já sugeria essa conclusão: a “força de trabalho” é uma forma utilitária de enquadrar a potência humana de trabalhar e transformar a natureza para atender as suas necessidades, como apontam os preceitos da teoria marxista. Quando avança nos perfis de trabalhadores, o diagnóstico da “futurologia mainstream” (Carrico, 2013) demonstra como o trabalhador e os selecionadores de talentos das corporações devem se adequar a esses mundos. O discurso sobre competências do trabalhador soam óbvios, protocolares, instrumentais, como se o propósito do relatório fosse perdido diante da ideia de se desenhar “mundos possíveis” de um futuro essencialmente corporativo e capitalista. Vejamos alguns trechos que bem representam esse conteúdo específico:

É um mundo onde as recompensas não financeiras são avaliadas de forma justa, em troca de salários menores. O trabalho costuma ser um conceito fluido e uma semana de trabalho regulamentada das 9h às 17h, de segunda a sexta-feira, é rara, onde as fronteiras entre casa e trabalho são confusas. (Força de trabalho no Mundo Amarelo, Pwc, 2018);

Inovação e pessoas são inseparáveis neste mundo. As organizações são despojadas e ágeis, complementadas por talentos atraídos pela próxima oportunidade promissora. (Força de trabalho no Mundo Vermelho, Pwc, 2018);

Os trabalhadores são atraídos pela oportunidade de trabalhar para uma organização que admiram e cujos valores correspondem aos seus. Mesmo assim, a competição continua intensa pelos melhores talentos e, portanto, a recompensa financeira ainda é importante. (Força de trabalho no Mundo Verde, Pwc, 2018).

No desenvolvimento das análises, apontamos que havia uma suposta polaridade entre mundos conotados positivamente, e outros mundos com características negativas; no entanto, o encaminhamento prescritivo do relatório demonstra que essas significações são esvaziadas, restando somente a constatação de que esses quatro mundos “futuros” estão presentes, desde já, e permanecerão em 2030, como universos simbólicos para associação de estratégias comunicacionais e políticas da cultura

corporativa. Ou seja, todos os mundos são naturalizados e adequados ao sistema, hoje e no suposto futuro. Nesse aspecto, a (pseudo)mobilização para a ação e transformação social, com vistas a um futuro centrado no “humano” e na convivência harmônica e responsável com o meio ambiente demonstra ser, na verdade, um mapeamento do capitalismo em suas facetas, paradoxos e imaginários de mundos possíveis, em diálogo com o horizonte social e as demandas do seu tempo. Nem positivo, nem negativo: trata-se de um discurso de conformação a uma ordem social que coloniza o imaginário de futuro com sua realidade (Fisher, 2020).

Os mundos desenhados pelo relatório da PwC, mais do que desenvolver cenários futuros, elaboram, com uma roupagem futurista, elementos já existentes do capitalismo de mercado contemporâneo. Essa expressão do futuro, do que está por vir, como algo mapeado a partir do que existe no presente, encontra correspondência na teoria do discurso social de Angenot (2010): para o autor, o reconhecimento dos códigos hegemônicos passa pela constatação de que suas diretrizes e lógicas habitam o horizonte do que é pensável e dizível em certo momento histórico. Isso quer dizer que, por mais que a consultoria ofereça como mercadoria uma expertise sobre um mundo futuro, não escapa ao imaginário balizado no presente pela ética das probabilidades (Appadurai, 2015), por raciocínios derivados de um horizonte de conhecimento e reconhecimento do que é ser e estar nesse mundo pautado pelo mercado neoliberal. Outros mundos possíveis, configurados pela ética das possibilidades (Appadurai, 2015) não são identificáveis nesse mapeamento tão intrigante quanto repetitivo, ao ecoar discursos e categorias que não escapam ao universo capitalista entranhado na cultura e no cotidiano de nosso tempo.

Referências

ANGENOT, Marc. *El discurso social: los límites históricos de lo pensable y lo decible*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010.

APPADURAI, Arjun. *El futuro como hecho cultural: ensayos sobre la condición global*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2015.

BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Ed. 34, 2011.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARRICO, Dale. *Futurological discourses and posthuman terrains*. Existenz, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 47-63, 2013.

CASAQUI, Vander. Abordagem crítica da cultura da inspiração: produção de narrativas e o ideário da sociedade empreendedora. E-COMPÓS (BRASÍLIA), v. 20, p. 1-18, 2017.

CASAQUI, Vander. *Futures Literacy: ideologia e imaginário das “competências necessárias para um mundo pós-pandêmico”*. In: Anais do 32º Encontro Anual dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – COMPÓS, 2023, São Paulo. Campinas, SP: Galoá, 2023. v. 32. p. 1-17 / 167863.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FOUCAULT, Michel. *Birth of biopolitics*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

GUILBERT, Thierry. *As evidências do discurso neoliberal na mídia*. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEARY, John P. *Keywords: the new language of capitalism*. Chicago: Haymarket Books, 2018.

MOORE, Jason W. *El capitalismo en la trama de la vida. Ecología y acumulación de capital*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2020.

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu, 2018.

POLANYI, Karl. *A subsistência do homem e ensaios correlatos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

PRADO, José L. Aidar. *Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais*. São Paulo: Educ / Fapesp, 2013.

PwC. “Workforce of the future: the competing forces shaping 2030”. PwC, 2018. Disponível em: <https://www.pwc.com/gx/en/services/workforce/publications/workforce-of-the-future.html>. Acesso em: 30 ago. 2024.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2007.



1. putting clothes to soak under the sun
2. putting dirty underwear to soak
3. bathing kids
4. putting a meal together; heating up yesterday's meal
5. for washing the floor, bathroom; mopping the house
6. putting kids to play in water
7. rubbing that morning seafood in the water

8. separating the crab shells
9. joining the crab meat to be sold
10. for when there's noodles
11. making couscous
12. frying a fish steak
13. smothering the stew to loosen the sauce
14. separating the chicken parts

15. boiling cassava
16. green beans on the table
17. jerk on the table
18. chicken stew on the table
19. manioc flour on the table
20. mother eats
21. father eats







Trabalho

ISABELA PRADO*

O trabalho é um aspecto central da vida humana. É fonte de subsistência, e ao mesmo tempo de exploração; envolve relações pessoais e é como nos identificamos socialmente. O debate sobre o tema tem grande pertinência e atualidade, uma vez que vivemos em tempos de mudanças nas relações de trabalho, com o avanço de reformas que o precarizam e eliminam direitos. Ao mesmo tempo, a disseminação de tecnologias digitais traz novos desafios e novos contextos para o entendimento das condições de trabalho e das profissões.

Investigar esse tema, ao mesmo tempo complexo e atual, é o propósito deste número da Revista da UFMG. O ensaio visual apresentado aqui também se propõe a enfrentar esse desafio, contribuindo para a reflexão de forma poética.

O artista escolhido para esta edição é Jonathas de Andrade, nascido em Maceió, Alagoas, e que vive em Recife, Pernambuco. Ele utiliza várias mídias, incluindo fotografia, vídeo e instalação. Seu trabalho explora temas de identidade, cultura, trabalho e questões sociais no Brasil, misturando narrativas pessoais e coletivas. Jonathas de Andrade usa uma combinação de abordagens documentais e ficcionais, criando obras que são ao mesmo tempo poéticas e críticas.

(Para ler esse texto completo, clique [aqui](#).)

* Artista visual e professora na Escola de Belas Artes da UFMG